

1 .10. 71.

VILÉM FLUSSER

Caro professor Reale,

peço-lhe que leia esta carta (longa) num momento de lazer e com o espírito de amigo que sei que o sr. tem para comigo. E que a responda. Não creio que haja muita coisa mais importante na vida que a amizade, e os antigos a consideravam o maior dos bens, maior que a propria sabedoria. (O termo "filosofia" o sugere.) Gostaria dedicar esta carta à nossa amizade.

Os momentos decisivos na vida, as "crises", têm longa incubação, mas irrompem repentinamente. Estou numa dessas crises. Quiçá, falando biologicamente, em climactério, mas no bicho chamado "homem" os fenômenos biológicos têm conotações múltiplas, e são tais conotações que contam. A conotação mais perturbadora da minha crise diz respeito à ética, e poderia ser circunscrita no âmbito "público ou privado", ou "engajamento ou isolamento". (Embora toda circunscrição assim des-existencialize o problema.) Explicarei biográficamente.

O sr. leu por acaso o meu artigo na RBF 82? Há mais de 20 anos engajo-me no Brasil, e não tem sido um engajamento fácil. Implicava no abandono ou na superação de muita coisa, por exemplo da minha ligação à cultura alemã, e, mais penosamente, do meu judaísmo. Mas foi amplamente recompensado. Recompensado por numerosas amizades, (entre as quais a sua tem papel de destaque), e pelos efeitos que meu engajamento teve sobre numerosas pessoas, (principalmente jovens), no campo das artes e do pensamento. Pois dúvidas graves de um lado, cerceamento do engajamento de outro, e solicitações alheias ao engajamento de terceiro, incidem sobre ele e ameaçam destruí-lo. Darei exemplos:

(a) As dúvidas: A sociedade brasileira está em fase histórica na qual um engajamento meu pode ser mais prejudicial que benéfico, já que minha contribuição é a de despertar dúvidas e análises, não entusiasmo para pôr mão à obra. Quem sabe trata-se agora de "desenvolver" a sociedade, não consciencializá-la, e desenvolvê-la mais no sentido econômico e técnico que no sentido cultural no qual estou engajado. Por isto predominam, (quicá corretamente), ideologias "desenvolvimentistas" da direita, (e, subterraneamente), da esquerda que me são alheias e para com as quais não consigo sentir simpatia. Estou, em outras palavras, ficando sempre mais defasado da atual fase da sociedade brasileira. Meu entusiasmo e minhas esperanças coincidiam com a fase brasileira dos anos 50, e agora vejo que tal entusiasmo e tal esperança se baseavam em grande parte em ilusões explodidas pelo caos demagógico de Goulart e pela "revolução" militarista. Não consigo entusiasmar-me por um aumento da renda "per capita" para \$ 500.-, (a renda na Tchecoslovaquia quando a deixei

VILÉM FLUSSER

foi de \$ 1.400.- e a felicidade "do pvo" era duvidosa), nem por um "Brasil grande" (a Alemanha nazista era grande, grandes são os Estados Unidos e a Rússia, mas nada disto me entusiasma), nem pela Transamazônica, (porque conheço os efeitos da Transsiberiana, para não falar na Conquista do Oeste americano). Entusiasmei-me, isto sim, pelo nôva poesia, música, arquitetura, plástica brasileira, tomada de consciência de uma sociedade nôva, em estado de formação, aberta, nobre, e livre de preconceitos europeus. Pois parece que tudo isto pertence ao passado. Pode perfeitamente ser, (Deus o queira), que a fase atual é passageira, e que a sociedade re-encontrará os caminhos abandonados. Mas o que é curto na vida social é longo na vida individual, e não viverei provavelmente quando o meu sonho de um Brasil nobre voltar a ser sonho de muitos. Que devo fazer, portanto?

(b) O cerceamento: Meu engajamento passava pelos seguintes canais: aulas na USP, A. Penteado, IBF, conferências e cursos particulares, e publicações no Estadão, na RBF, outras revistas, e livros. Na USP minha posição foi humilhante e mal paga, mas isto reforçava minha sensação de dedicação, e minha gratificação era a acolhida pelos alunos. Fui afastado da USP por technicalidades. (Espero que isto não fere a minha vaidade, já que enquanto "filósofo" devo estar acima disto). Na A. Penteado a qualidade dos receptores é frustrante, e frustrante também o ambiente de alienação e futi- lidade, a despeito de meus esforços iniciais, (abortados), de mudar isto. Na IBF provei à minha satisfação a minha incapacidade organizadora. As con- ferências e cursos particulares, (dos quais vivo), ameaçam degenerar em pro- stituição degradante. Em suma, nestes canais a sociedade está provando "ob- jetivamente" que estou sobrando. As publicações no Estadão têm provocado apenas reações negativas, e a falta de apoio intelectual e moral, (quicá também a vaidade ferida, ai de mim), cança com o tempo. As demais publi- cações carecem de "feed-back" e ignoro seu efeito, (que não pode ser enor- me). Uma pequena ilustração: recentemente um manuscrito meu foi recusado pela Editora da USP por falta de verba. Procurei desesperadamente outros canais para o meu engajamento. A televisão se parecia oferecer naturalmente. Elaborei um método comunicológico para abrir este canal a mensagens signi- ficativas. Na TV Cultura tal propsta não passou a censura, e na Tupi está afundando em comercialismo. Não creia, caro amigo, que isto é uma lamenta- ção perante o muro dos meus antepassados. Pelo contrário, fui em geral re- cebido em tôda parte de portas abertas, e a minha não é uma biografia de fracassado. Apenas as limitações que experiencio atualmente coincidem com as dúvidas acima mencionadas catastróficamente.

(c) As solicitações: Passei últimamente tempo talvez exces- sivo na Europa. Publiquei e publico sempre mais na imprensa europeia, e

VILÉM FLUSSER

e poderia multiplicar essa atividade, (por sinal bem paga). As minhas ideias interessam lá, (vaidade novamente), e poderia dar, se quizesse, numerosos cursos em faculdades europeias. Em suma: não sou desconhecido. A vida na Europa é mais barata que aqui, paradoxalmente poderia ganhá-la com relativa facilidade, (para não falar nas vantagens culturais e naturais que ela oferece). Mas principalmente há isto: lá não me engajo. Os europeus que se danem, desde que me paguem. Posso fazer lá o que me compete fazer por vocação, sem respeito pela sociedade. A saber, no momento: posso isolar-me para escrever uma análise da minha circunstância imediata, inspirada pela fenomenologia, a chamar-se, talvez, (Coisas que me cercam", (título aliás de uma coletânea de artigos meus a serem publicados pela Comissão Estadual de Cultura, cujo manuscrito, aceito e pago com cem cruzeiros, está tramitando atualmente pelos labirintos kafkianos desse aparelho administrativo). De forma que talvez poderia ser na Europa "homem famoso", mas quase certamente poderia trabalhar sem estar perturbado por engajamento.

A decisão é penosa. Devo ao paiz muito, e meus filhos são brasileiros. Creio que passei a "amar", (o termo é duvidoso, graças aos slogans demagógicos), a gente e as coisas brasileiras. Nunca mais terei os amigos que tenho. Em suma: criei raízes. Mas se meu engajamento no Brasil fôr subjetivamente duvidoso, e objetivamente recusado, devo decidir-me em favor do isolamento. Claro é: a decisão não precisa ser definitiva. (Definitiva é a morte, e olhe lá). Posso passar uns meses na Europa, ver como é para vêr como fica, e quiçá voltar humildemente. Mas isto não seria decisão existencial, se fosse assim encarada. Heidegger me ensinou que não se pode viver provisoriamente. Mas fazer do provisório o irrevogável. Por isto não consigo decidir-me.

Não lhe peço conselho. Devo decidir-me por mim, e assumir por mim a responsabilidade. Mas quero dialogar consigo. Conheço seu engajamento no Brasil, que não é o meu. (Mas que, a despeito disto, tem pontos de contato com o meu). Conheço suas vitórias e derrotas, sua força de persistência e de penetração de problemas, sua, (porque não dizê-lo), soberana maneira de pensamento. Quero-lhe como amigo neste momento. Quero que sua amizade por mim supere, pelo momento, seu engajamento, se é que estão em conflito. Como a minha amizade por si ultrapassa de longe considerações histórico-geográficas como o são as expostas. Responda esta vez, é o que lhe peço. É um pedido, espéro, isento de sentimentalismo, mas cheio de sentimento.

Seja abraçado.